

EMOÇÕES INSCRITAS NO DIZER: ENTRE A ARGUMENTAÇÃO E A ANÁLISE DO DISCURSO

Ivan Vasconcelos Figueiredoⁱ

Resumo: O artigo discute como analisar o *pathos* na materialidade linguístico-discursiva da Teoria Semiolinguística (TS), estabelecendo o diálogo entre a categoria patêmica do quadro charaudeano e a proposição de Plantin (2011) para a reconstrução das emoções a partir de índices diretos e indiretos. O material de análise é o artigo de opinião do ex-presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, intitulado “América Latina depois de Chávez”, de 6 de março de 2013, no jornal *The New York Times*. Refutamos a compreensão clássica da retórica que estabelece a dicotomia entre emoção e razão. As emoções são estados motivacionais que fazem a ponte entre a cognição e a ação, tendo existência social pelo plano discursivo, no qual emergem como “efeitos visados” em construções languageiras. As provas de *pathos* não são as vividas pelos sujeitos, mas as expressadas por meio de efeitos visados de emoção, sem garantias sobre o efeito experienciado nos destinatários.

Palavras-chave: Emoções. Teoria Semiolinguística. Argumentação. Discurso.

Abstract: This paper discusses how to analyze the pathos on the linguistic-discursive materiality of Semiolinguistic Theory, seeking to establish the dialogue between the pathos' category by Charaudeau and the proposition of Plantin (2011) to reconstruct emotions from direct and indirect indices. The analysis is based on an opinion article written by the ex-president of Brazil, Luis Inácio Lula da Silva, titled “Latin America After Chávez”, published on *The New York Times* on March 6, 2013. We refute the rhetorical and classical understanding which established a dichotomy between emotion and reason. Emotions are conceived as motivational states that make the connection between cognition and action, emerging socially from a discourse and working as “intended effects” in language constructions. The evidence of pathos are not the emotions experienced by subjects, but those expressed by intended effects of emotions, without guaranties about the effect experienced by the public.

Keywords: Emotions. Semiolinguistic Theory. Argumentation. Discourse.

ⁱ Docente da Universidade Federal de São João del-Rey (UFSJ), Brasil. E-mail: ivanfigueiredo@gmail.com.

Introdução

A oposição clássica entre emoção e razão ainda vigora como concepção recorrente na contemporaneidade. A divisão, criada à época da Retórica aristotélica, procurava excluir elementos que pudessem ocasionar ruídos ao bom orador; dentre eles, estavam as emoções, vistas como irrupções repentinas e incontroláveis. Diante deste cenário, o presente artigo procura desconstruir as ideias formatadas sobre emoção e razão enquanto categorias duais, propondo que a emoção integra os processos cognitivos e se atrela às representações sociais, tendo sua dimensão perceptível pela materialidade linguística. Com isso, dizemos que as emoções não são somente sentimentos vividos individualmente pelos sujeitos, mas são processos cognitivos e sociais. Neste último aspecto, elas podem ser construídas pelo discurso, projetando estados emocionais aos receptores.

A fim de analisar e reconstruir o percurso de projeção das emoções a partir de índices diretos e indiretos, nosso objetivo é aproximar tal noção à de prova retórica do *pathos*, procurando dialogar as proposições charaudeanas e plantinianas sobre o tema. A seguir, recorreremos aos pensamentos de Frijda (1996) e Le Breton (2009) para discutirmos que as emoções são construções sociais. Com base em Marcus (2008), discorreremos que as emoções fazem a ponte entre a cognição e a ação, atuando antes da racionalidade em si entrar em operação. A partir de Amossy (2000), Charaudeau (2007a) e Plantin (2010; 2011), concebemos que as emoções são estados emocionais parcialmente estáveis (expressados e sentidos) que ganham existência social pela linguagem e podem ser estratégias de argumentação.

Os efeitos visados de emoção são analisados no artigo de estreia do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva como colaborador do jornal *The New York Times*, cujo texto destaca o legado do ex-presidente da Venezuela, Hugo Chávez.

1 Emoção e razão

Marcus (2008) procura romper o dualismo clássico ocidental dado entre razão e emoção por meio do conceito de inteligência emocional, refutando, assim, a visão tradicional destes elementos como duas forças antagônicas. Ao reler criticamente os processos racionais e emocionais por intermédio da neurociência, o referido autor defende que razão e emoção atuam em

parceria na seleção das informações pelo cérebro, constituindo-se como processos cognitivos e linguísticos interconectados e intercambiantes. A faculdade racional teria, nesta vertente, origem nos processos emocionais. Em uma ótica semelhante, Le Breton (2009, p. 112) afirma que “opor ‘razão’ e ‘emoção’ seria desconhecer que ambas estão inscritas no seio de lógicas pessoais, impregnadas de valores e, portanto, de afetividade”.

As emoções são pensadas por Marcus não somente como pulsões repentinas ou ruídos que interferem e atrapalham a suposta boa argumentação, mas como estoques de hábitos e atitudes que auxiliam o sujeito a agir antes mesmo da tomada de consciência, bem como influenciam na forma como a racionalidade utilizará as informações recebidas. Para Marcus (2008, p. 54), “As emoções são necessárias para o bom uso da razão e para a tomada do ato de conclusão”, em que elas teriam papel fundamental e complexo no modo como pensamos e agimos sobre o mundo.

Na ótica deste autor, os sistemas emocionais preparam a ação consciente por estarem ligados aos módulos cerebrais, tendo acesso mais direto à memória procedural, onde são armazenadas as “maneiras de fazer” por meio de associações motoras e motora-perceptuais. Marcus (2008) defende que a consciência não consegue acessar todas as informações coletadas pelos sentidos. Nesse âmbito, as emoções possuem muito mais dados sobre o estado do mundo exterior. O cérebro, conforme o autor, monitora e realiza “leituras” sobre o corpo e o mundo exterior por meio dos órgãos do sentido; porém, apenas uma pequena parcela deste material é transmitida à consciência para ser representada. Desse modo, as emoções entram em jogo antes da tomada da consciência, em que a avaliação precede a representação.

Segundo Marcus (2008), existem dois tipos de memória: a) declarativa ou semântica – é a memória propriamente dita e refere-se à nossa capacidade de designar e representar linguisticamente os objetos e acontecimentos do mundo; b) procedural ou associativa – estoque de atitudes e hábitos que permitem agir no ambiente sem se restringir a simples movimentos motores ou físicos.

1 Tradução nossa. No original: “les émotions sont nécessaires au bon usage de la raison et à la mise en acte de ses conclusions”.

Em termos estruturais, o cérebro possui três sistemas emocionais, os quais não estão bem ligados à memória semântica:

I) *Ataque/fuga*: é o sistema emocional de defesa localizado em zona profunda do cérebro, abrigando as reações pré-programadas de ataque ou fuga, tendo a função de assegurar a sobrevivência, amplificando as sensações (MARCUS, 2008, p. 107). Os sentimentos emergidos neste instante procuram estimular a consciência e fornecer informações à mente. Mesmo em situações de perigo, os sentimentos nos incitam a refletir sobre os acontecimentos aos quais sobrevivemos e tiramos lições.

II) *Sobrevivência*: é um segundo sistema defensivo, o qual comanda o fluxo da informação no cérebro para controlar o plano de ação em curso e os fluxos sensoriais temporários. (MARCUS, 2008, p. 113).

III) *Disposição*: tem papel crucial na nossa capacidade de reutilizar os comportamentos apreendidos ao remontar as informações, coordenando e avaliando as exigências externas e de recursos internos (MARCUS, 2008, p. 111-112). Tal sistema é normativo e conservador, em que os hábitos conservados são aqueles que facilitam a vida e conferem capacidade de interagir socialmente.

O autor (2008, p. 176) defende que os sistemas de disposições e sobrevivência são fundados na aprendizagem diante de situações gratificantes ou hostis ao contrário dos sistemas de “ataque e fuga”. Cabe notar que os sistemas emocionais variam entre os sujeitos, não se apresentando de modo uniforme.

A entrada de informações no cérebro ocorre, primeiramente, pelo acionamento da memória associativa, a qual está ancorada em avaliações emocionais que fornecem índices tanto para a consciência reflexiva, reações emotivas quanto à reação final (*output*). De modo paralelo, a partir dos dados avaliados pelos sistemas emocionais, a memória semântica entra em ação para também subsidiar a consciência reflexiva e, posteriormente, a tomada de decisão. Dessa forma, antes de a consciência entrar em operação e representar o acontecimento, os sistemas emocionais já avaliam o ambiente e liberam informações ao cérebro, oferecendo duas alternativas diante das situações: recorrer ao hábito ou à reflexão. A avaliação emocional permite, portanto, otimizar a nossa faculdade de adaptação, atenta Marcus (2008, p. 116-117), tendo em vista que é mais rápida e sensível que a consciência.

Evidentemente, o cérebro não leva em conta somente os dados trazidos (e já avaliados) pelos sistemas emocionais. A tomada de consciência ocorre pela coordenação de três níveis de conhecimento, explica Marcus (2008, p. 120-121): detalhes específicos, informações sensoriais atuais; recursos físicos e psíquicos.

Assim como o referido autor e Plantin (2010; 2011), Frijda (1996) afirma que não se sente uma emoção sem se passar por uma avaliação. A perspectiva de Fridja aproxima três faculdades divididas por longo período pela Psicologia científica: o funcionamento mental que envolve a cognição (memória, avaliação, experiência, representação mental), a motivação (o que leva a agir) e a emoção.

Ao contrário dos teóricos que entendem as emoções como sensações, Fridja (1996) as concebe como estados motivacionais (flexíveis e adaptáveis) que estão sempre em prontidão para executar determinada ação, valendo-se de estímulos (antecedentes emocionais). Nessa perspectiva, o tipo de ação é definido pelo resultado final visado ou alcançado. Na ótica do referido autor, existem três tipos de ação: *ação indireta*, em que há raciocínio (presente dentro dos limites da situação); *experiência emocional*, que pode assumir três formas principais - consciência da estrutura do significado da situação, consciência da excitação autônoma; percepção (prontidão à ação) motivacional; *ações deliberadas*, marcadas pelo uso instrumental das emoções, condição em que, estar ciente de uma emoção e tendendo a uma ação, possibilita algum controle.

Fridja (1996) explica que compreender as emoções como experiência íntima traz uma visão equivocada do fenômeno, tendo em vista que associa as emoções somente ao sujeito e rejeita o social. Para este autor, as emoções levariam os indivíduos a agir e, sobretudo, a modificar sua relação com o mundo, com um objeto ou em uma situação do mundo ou de si. Com isso, o fim de uma ação emocional é determinado pela avaliação emocional de uma situação. Uma emoção pode ser uma razão na medida em que é adaptativa (relacionada com a situação possível, com o outro).

Conforme Le Breton (2009, p. 112), os estados afetivos são socialmente construídos. Nessa vertente, as emoções não são fixas, pois culminam de normas coletivas implícitas, de acordo com a apropriação pessoal da cultura e dos valores. Tal como Marcus (2008), o referido autor entende que todas as decisões envolvem afetividade, uma vez que trata-se de um processo calcado

em valores, significados e expectativas. De modo semelhante a Fridja (1996), Le Breton (2009, p. 114) compreende que sentimento e emoção “requerem avaliação, mesmo que intuitiva e provisória [baseada no repertório cultural]”.

2 Efeitos visados de emoção e provas patêmicas

A Análise do Discurso, segundo Amossy (2000), tende a considerar o elemento emocional inscrito no discurso de entremeio com a *doxa* do auditório e dos processos racionais que visam à adesão. Assim, o efeito patêmico seria prova de uma emoção.

Amossy (2000, p. 188) parece seguir a trilha charaudeana para pensar a emoção dentro do domínio das crenças: “emoção se inscreve em um saber de crença que desencadeia um certo tipo de reação face a uma representação socialmente e moralmente partilhada”. Segundo a referida autora, o discurso pode suscitar e construir as emoções por menção explícita ou provocação indireta sem ser designada por termo de sentimento. Logo, o dizer pode evocar categorias patêmicas por meio de relações com saberes de conhecimento e de crença, tal como o assassinato de uma criança, entendido socialmente como tragédia, podendo levar a um sentimento de revolta por parte dos receptores. Essa “revolta” depende da apropriação individual que o sujeito faz da emoção dada culturalmente.

Ainda de acordo com a autora, *pathé* são as emoções que um orador tem interesse de conhecer para agir eficientemente sobre os espíritos e que são a cólera e a calma. Amossy explica que as emoções são inseparáveis de uma interpretação, apoiando-se sobre os valores mais precisamente de um julgamento de ordem moral. Nessa perspectiva, o *pathos* não seria o auditório em si, mas o “o efeito emocional produzido sobre o alocutário” (AMOSSY, 2000, p. 187). Por efeito, entende-se que “o sentimento suscitado no auditório não é o mesmo que o expresso pelo sujeito falante” (AMOSSY, 2000, p. 187).

O *pathos*, como tentativa de despertar uma emoção sobre o alocutário, tem geralmente recorrido às menções verbais do sentimento que são tanto diretas quanto indiretas. Conforme ressalta Charaudeau (2007a), a Análise do Discurso ainda não possui ferramentas metodológicas para se investigar a emoção vivenciada pelos sujeitos. Assim, temos condições de analisar os efeitos visados de emoção, sem quaisquer garantias sobre os efeitos produzidos na instância de recepção.

Para tentar aprimorar os métodos de análise da materialidade linguística das emoções, propomos no presente trabalho a interlocução entre as visões charaudeana e platiniana sobre a temática. Entendemos que a relação patêmica pode ser apreendida por discursos diretos (palavras que carregam sentidos vinculados a sentimentos) e indiretos (palavras ‘neutras’ que podem provocar sentimentos). Conforme abordaremos adiante, as emoções são construções languageiras, ou seja, ganham materialidade pelo dizer (verbal e não-verbal). Os sentidos são projetados e a recepção demanda uma avaliação do sujeito interpretante, o qual recorre ao arcabouço de saberes de crença sobre o objeto em voga para representá-lo.

Para estudar as emoções no campo da enunciação, Charaudeau (2007a) se utiliza do conceito de “patemização”, decorrente do termo *pathos*, em que – sob a vertente da retórica aristotélica – as emoções seriam visadas e efeitos e não sentimentos prontos e determinados somente pelo sujeito receptor. A patemização seria, então, uma categoria de efeitos² que se oporia aos efeitos cognitivo e pragmático. A projeção patêmica se estabeleceria no uso de palavras que remetem a estados emocionais. Isso significa que os dizeres podem projetar estados emocionais, os quais atuam como visadas intencionais do enunciador para tentar sensibilizar o público. Nessa ótica, as emoções são estratégias de argumentação, posição esta também defendida por Plantin (2011).

Em um plano discursivo, as emoções podem ser expressas por palavras caracterizadoras de sentimentos (como amor, ódio) e metáforas vinculadas a esses sentidos, bem como por meio de desencadeadores, tal como mapeia Plantin (2010). Porém, a simples expressão não garante, como observam Le Breton (2009) e Amossy (2000), a sensação desse sentimento pelo público.

Conforme Charaudeau (2007a), as emoções possuem uma orientação direcionada a um objeto e podem ser consideradas da ordem do *intencional*, o que as inscreve no quadro de racionalidade. Além dessa característica, tal como já visto, o sujeito deve perceber e avaliar as emoções e esse processo ocorre na ancoragem social dada pelos saberes de crença. Tal domínio auxilia o sujeito a vivenciar ou exprimir a emoção. Portanto, as emoções se inscrevem na problemática da representação, aponta Charaudeau (2007a, p. 4):

2 Na proposição charaudeana, as emoções formariam as seguintes categorias de efeitos patêmicos: dor, alegria, angústia, antipatia, simpatia, piedade, esperança, atração e repulsa.

Retomando o fio das crenças cognitivo-afetivas, direi que uma representação pode ser chamada de “patêmica” quando ela descreve uma situação a propósito da qual um julgamento de valor coletivamente compartilhado – e, por conseguinte, instituído em norma social – questiona um actante que acredita ser beneficiário ou vítima, e ao qual o sujeito da representação se encontra ligado de uma maneira ou de outra.

Se considerarmos as noções charaudeanas de gênese de saberes (2007b), imaginários sociodiscursivos³ (2006; 2007b) e situação de comunicação (2008), as noções do que é ódio/amor/felicidade, por exemplo, variam a cada situação discursiva, tendo alguns traços que são recorrentes por sobreviverem aos embates dos dizeres. Essa situação ocorre porque estes estados emocionais são representações pertinentes ao campo de saberes de crença. Em busca dessas características que permitem reconhecer minimamente um estado emocional de ódio, por exemplo, que nos é útil o *Pequeno Tratado das Emoções, Sentimentos e Paixões Políticas*, de Braud (2007).

Plantin (2011) defende que, no discurso convencional, razão e emoção são inseparáveis, tendo em vista que esta também seria um produto discursivo decorrente de prática linguageira. A proposta do referido autor é construir uma metodologia de análise da fala emocionada a partir do quadro conceitual da argumentação, ou seja, investigar como são construídos os discursos suscetíveis de mostrar determinada emoção. Não se trata, portanto, de um modelo para caracterizar que é um discurso de raiva ou calma, explica Plantin (2011, p. 25).

O pensamento plantiniano se fundamenta no conceito retórico de *pathos*, entendido como o primeiro tratamento sistemático para o estudo da emoção no discurso. Ao revistar criticamente distintas correntes da retórica, Plantin (2011, p. 42) afirma que “o *ethos* é construído sobre a emoção”⁴. Desse modo, o *ethos* não se constrói sem o *pathos*, uma vez que seria produto da performance total e não somente da materialidade verbal, atenta o autor (2011, p. 37).

O *ethos* (imagem de si e do outro no discurso) possui três facetas, explica Plantin (2011, p. 33): é construído pelo entremeio do discurso; é fruto da opinião pré-concebida sobre aquele que fala; e é também construído pelo

³ É a dimensão tangível, materialização linguageira, das representações sociais.

⁴ Tradução nossa. No original: “ l’éthos se construit sur l’émotion”.

que o orador diz de si. Classicamente, o *ethos* é concebido como produto de estratégia discursiva que constrói uma autoridade complexa repousada em três componentes: prudência, virtude e benevolência (PLANTIN, 2011, p. 30). Porém, tal autoridade etótica demanda um regime de imagens de expertise, moralidade e doçura, procurando passar um sentido único de confiança em meio ao estado psíquico e cognitivo do auditório. Percebe-se, assim, que o projeto de construção de imagens de si depende da dimensão emocional reconstruída pelo público.

A releitura de Plantin sobre a teoria da argumentação de Perelman esclarece que a emoção é vista, no Tratado, como deterioração do ato linguístico, com sustentação na psicologia, que vê a emoção como perturbação à ação por ser uma pulsão desorganizadora:

Nem o *Tratado*, nem a ‘filosofia racionalista’ atribuem um papel às emoções na formação das representações, nem examinam o papel possível da representação na construção das emoções⁵ (PLANTIN, 2011, p. 53).

Desse modo, o autor procura romper com a noção das emoções como reação a um estímulo situacional, observando que o modelo “Estímulo → Resposta” é problemático para se analisar a fala emocionada. Tal perspectiva obrigaria a considerar que a emoção é fundamentalmente um acontecimento privado, porém, o mesmo acontecimento pode afetar simultaneamente todo grupo, ou seja, a emoção pode se socializar. A relação de causa e efeito pensada, até então, para a emoção se vê diante de uma relação complexa no cérebro, tal como descreve Marcus (2008). Segundo Plantin (2011, p. 120), os estados internos e as emoções não se estabelecem de forma simples. Em suma, os caminhos possíveis para essas relações são: estados internos podem ser perturbados sem emoção associada; ou as emoções podem não ser acompanhadas de estados internos.

De tal modo, as emoções não nascem sozinhas, nem são somente pulsões meramente individuais que irrompem e atrapalham o discurso e a “boa” projeção etótica. Plantin (2011) avalia que as emoções, consideradas na dimensão do *pathos*, são socialmente construídas pelo discurso. Para Charaudeau (2007a), elas estão localizadas no domínio dos saberes de crença. Pode-se estudar a dimensão perceptível das emoções nas materialidades

5 Tradução nossa. No original: “Ni le *Traité*, ni la ‘philosophie rationalist’ n’attribuent un rôle aux émotions dans la formation des représentations, ni d’ailleurs n’examinent le rôle possible des représentations dans la construction des émotions”.

discursivas, nos traços deixados pelos enunciadores durante o dizer, mesmo em falas que não nomeiem e se vinculem explicitamente a determinados estados emocionais como raiva e medo. Partilhadas na esfera social por meio da linguagem, as emoções também podem ser arquitetadas, previamente planejadas ou falseadas. Conforme Plantin (2011, p. 113) :

A capacidade de expressar as emoções é uma condição de exercício da argumentação, mas o estudo das emoções na fala argumentativa não é dissociável de seu estudo na fala em geral⁶.

A análise da fala emocionada coloca três polos: a) expressão - enunciação da emoção: reconstrução por avaliação da emoção; b) pragmática da emoção: considera a situação – acontecimento indutor e as transformações locais de disposições na ação do locutor; c) interação e comunicação das emoções: considera que as situações de fala implicam vários participantes (PLANTIN, 2011, p. 136).

Dessa forma, há uma diferenciação entre a emoção sentida e a manifestada linguisticamente. Na posição de analista do discurso, apenas temos acesso ao segundo caso, à fala emocional, a qual tem o projeto de provocar sensações no receptor que, necessariamente, se configura da forma como planejada.

As emoções são vistas aqui como processos comunicacionais controlados e gerados pelos participantes; já as manifestações emocionais são significantes produzidos e não efeitos decorrentes de determinadas causas. A emoção é, portanto, uma entidade linguageira e cultural que pode ser utilizada como estratégia de interação.

Apesar de o uso do termo “emoção” ser recorrente, preferimos aqui utilizá-lo no sentido de “estado emocional”, uma vez que não se tratam de construções linguageiras manifestadas e sentidas estanques. Inseridos na ótica do discurso e da fluidez das situações de comunicação, os processos de projeção de estados emocionais variam a cada instante e em cada sujeito interpretante.

No estudo dos efeitos patêmicos, Plantin (2010) explica a necessidade de se definir, primeiramente, os lugares psicológicos ocupados pelos

6 Tradução nossa. No original: “ La capacite à exprimer des émotions est une condition d’exercice de l’argumentation, mais l’étude des émotions dans la parole argumentative n’est pas dissociable de leur étude dans la parole en général”.

enunciadores, tendo em vista que este mapeamento é o que permite reconhecer os papéis discursivos a quem as experiências emocionais serão atribuídas. Tal caracterização configura, em parte, o que a TS denomina como “condições de produção do discurso”: Quem fala? Por qual meio? A quem? De que forma?

A designação do ator de fala, sugere Plantin (2010), pode ser mapeada nos substantivos próprios e comuns, assim como demais referências que estejam diretamente ligadas ao enunciador. O segundo passo seria a determinação de termos de emoções que se aproximam do lugar psicológico de fala. A manifestação da emoção ocorre, segundo Plantin (2010, p. 65), a partir de três regras⁷: mostrar-se emocionado; evidenciar “objetos emocionantes”; descrever coisas emocionantes.

Com base em Ungerer⁸, Plantin (2010, p. 67) demonstra como termos do texto jornalístico podem desencadear as emoções no leitor conforme *quatro princípios de inferência emocional*: I) relevância emocional, o qual pode ser percebido em desencadeadores linguísticos como dêiticos⁹, termos de uso familiar, vocabulários de calamidades; II) avaliação de apresentação, perceptível em advérbios de comentário como conotações positivas ou negativas; III) intensidade de apresentação, com uso de detalhes vividos e metáforas com domínios emocionalmente estabelecidos; (IV) conteúdo emocional, presente em termos de emoção descritiva (adjetivos, substantivos e verbos).

Plantin (2010) entende que as emoções podem ser estudadas através das seguintes tópicas: *o que, quem, como, onde, porque, consequências, normas, controle, distância de Y, aprovação*. Já em outra obra (2011), o referido autor reduz os *topos* a oito categorias: *o que, quanto, como, onde, quando, porque, quem, controle*.

7 As três regras ou preceitos apresentados por Plantin têm como base o trabalho de LAUSBERG, Heinrich. *Handbuch der literarischen Rhetorik*. Munich: Max Hueber, 1960.

8 A obra referenciada por Plantin é: UNGERER, Friedrich. Emotions and emotion language in English and German news stories. In: NIEMEYER, Susanne; DIRVEN, René (ed.). *The language of emotions*. Duisburg: Gerhard Mercator University, 1995. p. 297-328.

9 O termo dêitico refere-se aos gestos demonstrativos ou direcionais, normalmente, executados com o movimento de apontar com os dedos. Tais gestos também são expressados por palavras, tais como ‘aqui’, ‘ali’, ‘acolá’, ‘isto’, ‘aquele’. Nesse caso, a estratégia argumentativa é aproximar o fato narrado do universo do leitor.

Tal como Plantin (2010), Charaudeau (2007a, p. 26) também concebe as emoções com base de uma perspectiva retórica das emoções (*pathos*), que são instauradas por meio de “categorias de discursos”, reconhecendo a existência de uma “tópica¹⁰” da emoção, constituída por um conjunto de “figuras”. O estudo da emoção centra-se, portanto, nas visadas, nos efeitos projetados, e não nos sentimentos vividos. Em suma, nossa proposição procura uma interlocução com os estudos charaudeanos nas tópicas “quem fala”, “como fala” e “porque fala”:

a) A primeira tópica corresponde ao que Plantin denomina de descrição dos lugares psicológicos do autor, ao qual associamos a dimensão situacional do contrato de comunicação, pormenorizando os sujeitos do discurso, gênero e estatuto, efeitos projetados. A nosso ver, o lugar psicológico do autor não pode ser reconstituído sem levarmos em conta o ambiente e as condições de emergência do dizer.

b) O “como fala” foi composto pelos quatro princípios de inferência emocional, ou seja, como as emoções são transpassadas ao texto por meio de índices diretos e indiretos; e as três maneiras de suscitar as emoções (LAUSBERG apud PLANTIN, 2011).

c) Finalmente, consideramos que a simples caracterização da estratégia de patemização das etapas acima demanda uma análise do ambiente em que as representações sociais de crença estão inseridas, quais seriam os sentidos das emoções evocadas dentro do discurso político em voga.

Assim, a análise a ser realizada procura estruturar um diálogo entre as perspectivas de Plantin (2010; 2011) e Charaudeau (2007a) para se estudar as emoções. Em um primeiro momento, descrevemos o lugar psicológico do ator de fala, bem como os elementos da dimensão situacional do discurso em que se insere o artigo. Em seguida, com aporte em Plantin (2011), analisamos os quatro princípios de inferência emocional e como estes são transpassados ao dizer por meio de desencadeadores linguísticos. Por fim, como as emoções se inserem no campo de saberes de crença, conforme Charaudeau (2007a), procuramos aprofundar na investigação sobre as estratégias patêmicas mapeadas por meio das categorizações de emoções propostas por Braud (2007), contextualizando o emprego das emoções ao universo das representações sociais do discurso político.

10 Conjunto de regras que regem a produção dos argumentos.

3 Análise das visadas de emoção do artigo de Lula no NYT

O ex-presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, estreou como articulista do jornal estadunidense *The New York Times* (NYT) com o artigo de opinião intitulado: “Latin America After Chávez” (América Latina depois de Chávez). O texto foi veiculado no dia 6 de março de 2013 na versão on-line e um dia após no impresso.

No quadro da dimensão situacional do discurso proposto pela TS, temos os sujeitos do discurso: comunicantes compósitos, formados pelo veículo e editores do NYT, Lula na posição de colaborador da agência NYT e os tradutores do artigo para o inglês, Benjamin Legg e Robert M. Sawark, bem como a referência indireta do dizer como sendo de um ex-representante do governo brasileiro e atual presidente do Instituto Lula; já os enunciadores são formados pelo próprio gênero jornalístico. Os sujeitos destinatários são os consumidores de informações e os interpretantes são os leitores do NYT. Existe aqui um primeiro embate ao qual as emoções são acionadas: convencer públicos, hipoteticamente, neoliberais, da necessidade de governos atuarem ativamente na construção de políticas em prol dos direitos sociais, onde o trabalho de Chávez atua como elemento ilustrativo e demonstrativo.

Conforme abordamos no item anterior, o primeiro passo para a análise dos estados emocionais é a definição dos lugares psicológicos do ator de fala, atribuindo aos sujeitos as experiências emocionais projetadas. Plantin (2010) explica que essa percepção dos lugares psicológicos ocorre por meio da observação de paradigmas de designação. No caso do artigo aqui analisado, esta qualificação do autor ocorre no fechamento do texto, quando Lula é identificado como ex-presidente do Brasil e comandante do Instituto que leva o próprio nome. Pelo viés da TS, o artigo de opinião possui gênero e estatuto factuais, comentando mundos possíveis. A intenção do dizer é projetar efeitos de real. Por meio do modo de organização do discurso narrativo e descritivo, Lula destaca o legado do ex-presidente da Venezuela, Hugo Chávez, falecido em 2013.

O artigo do NYT se utiliza das três regras descritas por Plantin (2010) para evocar a emoção:

a) *Mostre-se emocionado*: Lula enaltece o legado de Chávez e reconhece a perda do colega ao dizer que ‘deixará saudades’ (“Mr. Chávez will be

missed”) e que os pensamentos do venezuelano servirão de inspiração para outras lideranças. Neste âmbito, o articulista utiliza o *princípio da relevância emocional*, no contraste entre vida e morte, onde a ausência do governante é amenizada pelo êxito de suas ideias e realizações. O foco está na garantia dos direitos humanos básicos, em essência, no direito à vida. De modo paralelo, o *princípio de intensidade da apresentação* (seja drástico) se apresenta por meio de desencadeadores linguísticos como uso de detalhes vividos: as realizações de Chávez nas áreas de saúde pública, habitação, educação e o trabalho para integração da América Latina; Lula também argumenta que Chávez foi um dos poucos líderes que ele conheceu na vida que lutaram pelo “nosso continente e seus diversos povos”. O *princípio de conteúdo emocional* fica evidente nos termos de emoção descritiva, exemplificados no compromisso que Chávez teria tido “para amenizar a miséria do seu povo”¹¹. A evocação do estado de miséria coloca em cena estados emocionais como dor vivida e compaixão por quem não a experiência.

b) *Mostre objetos emocionantes, imagens e emoção*: o artigo tem como estratégia patêmica referenciar o trabalho de Chávez no campo das conquistas de direitos sociais, o que revela a dimensão da benevolência e procura despertar sentidos de compaixão com as ações executadas em prol dos mais pobres. Explicitamente, a emoção “amor” (love) é utilizada para descrever como era a relação de Chávez com o povo.

c) *Descreva coisas emocionantes e amplifique estes dados emocionantes*: a narrativa de Lula coloca, de modo pormenorizado, os ganhos do governo chavista e os quantifica em termos ideológicos, políticos e sociais.

No primeiro parágrafo, o legado de Chávez é alocado no domínio do campo de saber de conhecimento e se insere parcialmente no campo do irrefutável:

A história vai afirmar, justificadamente, o papel que Hugo Chávez desempenhou na integração da América Latina e o significado do seu mandato presidencial de 14 anos para os pobres da Venezuela, onde morreu terça-feira após uma longa luta contra o câncer (SILVA, 2013).¹²

11 Tradução nossa. No original: “to ameliorate the misery of his people”.

12 Tradução nossa. No original: “History will affirm, justifiably, the role Hugo Chávez played in the integration of Latin America, and the significance of his 14-year presidency to the poor people of Venezuela, where he died on Tuesday after a long struggle with cancer”.

De imediato, Lula admite os desacordos sobre os resultados do governo chavista, mas os refuta enunciando que a história reconhecerá o valor social do ex-presidente venezuelano. Em meio a uma projeção pessoal de dor pela perda do colega, o articulista do NYT se posiciona já em uma dimensão patêmica como aquele que reconhece o legado de atuação do recém-falecido em prol dos menos favorecidos socialmente.

Na concepção de Braud (2007, p. 261), a ênfase no “amor do povo” é indispensável à esquerda para se mostrar próxima e atenta “as suas condições reais de existência como as suas exigências”¹³. Ao mesmo tempo em que Lula procura mostrar a proximidade com o povo por parte de Chávez, o efeito visado de emoção de igualdade também é evocado. “Estritamente ligada no plano jurídico e político, a igualdade tem a imensa vantagem de se mostrar sempre a serviço da liberdade”¹⁴ (BRAUD, 2007, p. 112).

A estratégia argumentativa possui enfoque no desencadeamento de estados emocionais pelo receptor ao se utilizar, primeiramente, do *princípio de relevância emocional* de Ungerer (apud PLANTIN, 2010). O vocabulário de calamidades, como os 14 anos de presidência às pessoas pobres e “depois de uma longa luta contra o câncer”, associa as dimensões de atuação pública e privada de Chávez. Neste trecho, pode-se inferir também que Lula compactua com a dor da perda do ex-presidente venezuelano por ter experienciado uma batalha contra a mesma doença.

A construção discursiva patêmica tem como bojo o dito popular, um saber de crença: “nós só conhecemos uma pessoa quando ela morre”, ou seja, acredita-se socialmente que a morte representa o momento em que o sujeito não pode mais criar identidades para si ou mesmo falsear as identificações sociais. Quando essas máscaras sociais e discursivas são desveladas, poderíamos, então, chegar ao que seria uma essência identitária (a qual não existe em si, na perspectiva charaudeana). Diante dessa credence, Lula se colocaria na missão dizer quem é o “verdadeiro” Chávez, posicionando-o como governante dos pobres venezuelanos, em um processo de quase mitificação. A abertura do artigo pretende, assim, tornar inquestionável não só o trabalho executado por Chávez, assim como fortalecer a credibilidade das argumentações posteriores.

13 Tradução nossa. No original: “à ses conditions réelles d’existence comme à ses exigences”.

14 Tradução nossa. No original: “Confinée strictement sur le plan juridique et politique, l’égalité a l’immense avantage de se montrer toujours au service de la liberté”.

O leitor é convidado a compartilhar da dor da perda, a sentir esperança pelo legado deixado em nome do governo para os mais pobres, a despertar senso de compaixão pela benevolência de Chávez, assim como orgulho pelos feitos do “herói”.

A estratégia patêmica de convocar a compaixão pode ter a intenção de prever e já responder aos questionamentos do sujeito interpretante do NYT, pois, segundo Braud (2007, p. 40), a compaixão é um estado profundamente humano que desarma a crítica, “desperta neles uma sensação de frescor, interrompe as distinções de classe”¹⁵.

Já o orgulho nacional procura gerar sentidos de pertencimento, uma vez que, conforme Braud (2007, p. 149), as performances econômicas e políticas também podem gerar grandes satisfações coletivas, tal como o desempenho de um país em competições esportivas nacionais, especialmente, quando um Estado é apresentado como uma progressão no ranking mundial de nações. O projeto de fala de Lula procura qualificar os benefícios do legado de Chávez, mesmo que estes não sejam veementemente reconhecidos em índices de desenvolvimento humano mundiais. Interessante notar que o artigo quantifica o resultado do trabalho do ex-presidente venezuelano, conferindo tanto uma prova de eficiência na garantia aos direitos básicos humanos quanto uma referência de *intensidade da apresentação*:

As campanhas sociais de Chávez, especialmente, nas áreas de saúde pública, habitação e educação conseguiram melhorar o padrão de vida de dezenas de milhões de venezuelanos¹⁶ (SILVA, 2013).

O artigo do NYT atua em um “fazer saber” sobre os feitos de Chávez, partilhando os saberes com o público para que o enunciador consiga atingir os efeitos patêmicos esperados. A estratégia patêmica é de sensibilização (calcada nos estados emocionais como compaixão, esperança e orgulho nacional) para os resultados atingidos pelo governante venezuelano, em que Lula afirma que se pode até discordar da ideologia chavista e seu estilo autocrático, mas o legado social é inegável, fomentando futuros debates no mundo político, acadêmico e sindical de como realizar a justiça social.

15 Tradução nossa. No original: “réveille en eux une fraîcheur de sentiments, bouscule les distinctions de classes”.

16 Tradução nossa. No original: “Mr. Chávez’s social campaigns, especially in the areas of public health, housing and education, succeeded in improving the standard of living of tens of millions of Venezuelans”.

Considerações finais

A aproximação entre o pensamento charaudeano e plantiniano sobre as emoções ainda é um campo a ser melhor explorado. Nossa primeira incursão nessa mirada nos forneceu algumas bases para o estudo de estados emocionais, reconhecendo-os como materialidades linguísticas. Contudo, apesar de as emoções poderem estar inscritas languageiramente no plano do dizer, o modelo de análise do *pathos* calcado nas tópicas da argumentação, a nosso ver, ainda concebe as emoções por meio de uma perspectiva racionalizante, em uma tentativa de enquadrar tais fenômenos pelos mesmos referenciais do *logos* previamente já estabelecidos. Diante dos resultados aqui trazidos, percebemos a carência de um aprofundamento no que tange ao processo de como e por que as emoções são expressadas nos discursos de tal forma.

Desse modo, os estudos sobre as emoções expressadas pelo discurso demandam o desenvolvimento de quadros teórico-metodológicos mais consistentes para a análise das materialidades linguísticas. Talvez, um dos caminhos já foi apontado por Charaudeau, o qual considera que as emoções devem ser encaradas dentro dos saberes de crença. Todavia, o aparecimento dessas inscrições no dizer ainda não possui ferramentais para uma incursão mais aprofundada, para além de índices diretos e classificações estanques, tais como o polo binário amor/ódio. Assim, uma investigação sobre as emoções no dizer demanda encarar o desafio de pensar as emoções expressadas tanto na materialização direta quanto indireta.

Referências

AMOSSY, Ruth. *L'argumentation dans le discours*. Paris: Armand Colin, 2000.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso político*. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. A patemização na televisão como estratégia de autenticidade. In: MACHADO, Ida Lúcia; MENDES, Emília (Org.). *As emoções no discurso*. Campinas: Mercado Letras, 2007a.

_____. Les stéréotypes, c'est bien, les imaginaires, c'est mieux. In: BOYER, Henri. *Stéréotypage, stéréotypes: fonctionnements ordinaires et mises em scène. Langue(s), discourse*. Paris: Harmattan, 2007b. p. 49-63.

FIGUEIREDO, Ivan Vasconcelos. Emoções inscritas no dizer entre a argumentação e a análise do discurso. **EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n. 6, p. 46-63, jun.2014.

_____. **Linguagem e discurso: modos de organização**. Coord. Trad. Ângela M. S. Corrêa e Ida Lúcia Machado. São Paulo: Contexto, 2008.

FRIJDA, Nico. Passions: l'émotion comme motivation. In: COLLETTA, Jean-Marc; TCHERKASSOF, Anna (Dir.). **Cognition, langage et développement**. Paris: Margada, 1996.

LE BRETON, David. Antropologia das emoções I. In: _____. **As paixões ordinárias**. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

MARCUS, George E. **Le citoyen sentimental**. Émotions et politique en démocratie. Paris: Les Presses de Sciences Po, 2008.

PLANTIN, Christian. As razões das emoções. Trad. Emília Mendes. In: MENDES, E.; MACHADO, I. L. (Org.). **As emoções no discurso**. V. II. Campinas: Mercado de Letras, 2010. p. 57-80.

_____. **Les bonnes raisons des émotions**. Bern/Berlin : Peter Lang, 2011.

SILVA, Luiz Inácio Lula da. América Latina depois de Chávez. **The New York Times**, New York, 6 mar. 2013. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2013/03/07/opinion/latin-america-after-chavez.html?_r=0>. Acesso em: 10 jan. 2014.